

Você conhece este homem?

Um historiador cultíssimo, disposto a provocar discussão: Ciro Flamarion Cardoso, decifrador de hieróglifos, intérprete marxista da realidade latino-americana.

A editora Campus lançou recentemente um livro intitulado *Modo de produção asiático* (com o subtítulo *Nova visita a um velho conceito*). O volume reúne dois textos do professor Emanuel Bouzon, um texto do estudante Cássio Marcelo de Melo Tunes e cinco trabalhos do professor Ciro Flamarion S. Cardoso. Todos tratam de casos onde se discute a aplicação do conceito de "modo de produção asiático", utilizado por Marx.

Nos anos sessenta, obrigados a um dramático ajuste de contas com os efeitos empobrecedores da codificação doutrinária stalinista, os marxistas manifestaram vivo interesse por esse conceito, que havia sido praticamente proscrito nos anos trinta. Depois, ao longo dos anos setenta, o conceito "saiu de moda", isto é, deixou de entusiasmar os debatedores sempre dispostos a brilhar nas discussões acadêmicas.

Agora, terminados os anos oitenta, o "modo de produção asiático" parecia esquecido. Foi então que, em torno da iniciativa de Ciro Flamarion Cardoso, amadureceu a decisão de fazer essa "nova visita a um velho conceito".

Ciro Flamarion Cardoso não é um intelectual em disponibilidade, sempre predisposto a embarcar na onda dos modismos. Teimosamente comprometido com suas preocupações científicas, ele sentiu necessidade de acompanhar naturalmente com olhar crítico - os desdobramentos e o emprego do conceito, mesmo quando já tinha cessado a agitação em volta dele.

Observou, então, que vêm sendo realizadas pesquisas empíricas sérias sobre a complexidade e a diversidade de antigas comunidades aldeãs. Notou que o "modo de produção asiático" não pode ser compreendido hoje nos termos em que foi pensado por seu grande teórico no século

Ciro debate idéias de François Jacon e Jacques Monod no campo biológico, reflete sobre o tempo dos físicos, dos filósofos e dos historiadores, retoma sugestões de Bakhtin e Schaf.

passado. Mas concluiu que o conceito não pode ser sumariamente posto de lado, jogado fora como um traste inútil, porque dá conta de aspectos importantes - essenciais, mesmo - da "evolução social" (no sentido mais amplo da expressão, que escapa à estreiteza do determinismo simplista dos esquemas evolucionistas).

Essa atitude de valentia intelectual, capaz de combinar uma persistente desconfiança diante de todas as mitificações simplificadoras com uma enérgica disposição para fazer as revisões que venham a se demonstrar efetivamente necessárias, é típica de Ciro Flamarion Cardoso.

Embora só tenha podido conhecê-lo pessoalmente há poucos anos, quando passei a trabalhar na Universidade Federal Fluminense, creio que já estou em condições de dizer aqui



alguma coisa sobre esse combativo ensaísta, que está transformado num dos mais importantes historiadores brasileiros da atualidade.

Ciro Flamarion Cardoso nasceu em Goiânia, em 20 de agosto de 1942. Seu pai, funcionário da Previdência Social, era frequentemente deslocado para novos postos, e a família morou no Rio (em Cascadura), em São Paulo e em Nova Friburgo, antes de se fixar em Niterói, a partir de 1958.

Desde cedo, Ciro manifestou grande curiosidade intelectual. Realizou estudos apaixonados de biologia, de astronomia e de paleontologia; aprendeu diversos idiomas estrangeiros, como espanhol, francês, inglês, mais tarde também o italiano; e também aprendeu latim e grego. Nunca se deixou convencer da necessidade de optar ou pela arte ou pela ciência: paralelamente às leituras científicas, estudou piano dos sete aos vinte e dois anos de idade e chegou a ser músico profissional.

Em meio a todos esses interesses, entretanto, não podemos deixar de destacar uma curiosidade que veio crescendo desde os treze anos pelo Egito antigo, alimentada inicialmente pela leitura de *Deuses, túmulos e sábios*, de C. W. Ceram, de uma *História antiga do Oriente Próximo*,

de H. R. Hall, e do romance *O egípcio*, de Mika Waltari: a vontade de aprofundar o conhecimento da civilização egípcia.

Os estudos de história, afinal, se sobrepujaram aos demais (sem extingui-los), e Ciro se formou em História na antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, que, durante o curso feito por ele, e após o golpe de 1964, se transformou no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Ciro ficou marcado pelo golpe de 64. Para ele, o ano do golpe foi "um divisor de águas". Sentiu-se desafiado a repensar a história do Brasil, submetendo a uma aguda revisão crítica as interpretações que eram usualmente adotadas pela esquerda e que não a tinham ajudado a se preparar para enfrentar o que estava acontecendo. Sentiu-se, também, solidário com os colegas e mestres perseguidos, especialmente o professor Francis-

Em meio a todos esses interesses, entretanto, não podemos deixar de destacar uma curiosidade que veio crescendo desde os treze anos pelo conhecimento da civilização egípcia.

co Falcon e a professora Maria Yedda Linhares.

Incentivado pela professora Maria Yedda Linhares, Ciro foi para a França, onde estudou como bolsista do governo francês de fins de 1967 até abril de 1971, quando completou um Doutorado de Terceiro Ciclo. Sua tese examinava a história econômica e social da Guiana Francesa de 1715 até 1817. (O estudo viria a ser retomado e ampliado num livro que saiu em 1984 pela editora Graal:

Economia e sociedade em áreas coloniais periféricas - Guiana Francesa e Pará, 1750-1817).

Em Paris, Ciro teve ocasião de estudar com Pierre Vilar, um mestre (sério, competente) do "marxismo-leninismo"; apreciou muito a coerência de Vilar, porém não se inclinou a seguir pelo caminho que o historiador catalão lhe indicava. Um namorado com uma moça tcheca o levou a frequentar Praga e Ciro pôde, então, ver de perto, em 1968, não só os protestos dos estudantes parisienses como a brutal entrada dos tanques soviéticos na Tchecoslováquia, pondo fim, pela força, ao movimento da "Primavera de Praga", liderado por Dubcek e Svoboda. A experiência fortaleceu sua convicção de que a fecundidade teórica do marxismo não podia ficar atrelada às vicissitudes imediatas da política da União Soviética e dos partidos comunistas comprometidos com ela.

Em 1971, desaconselhado por amigos de voltar pa-

ra o Brasil (que se achava então sob uma terrível onda de repressão, desencadeada pela ditadura militar), Ciro foi para a América Central (e depois para o México). Em Paris - diz ele - descobriu sua identidade latino-americana. Por tal razão, sentiu-se muito à vontade nos lugares onde passou a viver. Em colaboração com seu amigo Héctor Pérez Brignoli, um argentino que veio a se naturalizar costarricense, escreveu *Los Métodos de la*

História (editado no Brasil pela editora Graal), *El Concepto de Clases Sociales* (editado em Madrid, em 1977), *Centroamérica y la Economía Occidental* (editado em San José de Costa Rica, em 1977) e *História Econômica da América Latina* (editado no Brasil pela Graal em 1980).

No México, participou da elaboração de dois livros coletivos sobre o país:

Ciro Flamarion Cardoso não é um intelectual em disponibilidade, sempre disposto a embarcar na onda de modismos. Ele sentiu necessidade de acompanhar o emprego do conceito.

México en el siglo XIX e Formación y desarrollo de la burguesía en México. Fez viagens ao Canadá, à Alemanha e à sua velha paixão, o Egito. Passou também três meses no Saint Antony's College, da Universidade de Oxford, na Inglaterra, fazendo conferências e participando de mesas-redondas.

Em 1979, depois de onze anos morando no exterior, retornou ao Brasil. A ditadura militar chegava ao fim, começava uma nova época, cheia de esperanças. Passou a lecionar, na PUC do Rio, depois na UFRJ; acabou se concentrando no Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (em Niterói), onde vem dando suas aulas ao longo dos últimos doze anos.

Publicou numerosos trabalhos: *Agricultura, Escravidão e Capitalismo* (ed. Vozes, 1979), *América pré-colombiana* (ed. Brasiliense, 1981), *Uma Introdução à História* (ed. Brasiliense, 1981), *A Afro-*

América: a Escravidão no Novo Mundo (ed. Brasiliense, 1982), *O Trabalho na América Latina Colonial* (ed. Atica), esmiuçando a história do nosso continente. Mas publicou também diversos textos dedicados à história da Antiguidade, tais como: *O Egito Antigo* (ed. Brasiliense, 1982), *Trabalho Compulsório na Antiguidade* (ed. Graal, 1984), *A Cidade-Estado Antiga* (ed. Atica) e *Sociedades do Antigo Oriente Próximo* (ed. Atica), além de diversos estudos acadêmicos sobre as transformações econômicas ocorridas na sociedade egípcia do tempo dos faraós. Ciro, diga-se de passagem, sabe ler hieróglifos e é uma autoridade respeitada internacionalmente na interpretação de textos egípcios antigos.

Devo ter me esquecido de mencionar vários títulos importantes na produção do historiador, que é vasta (mais de trinta livros!) e abarca variados campos de atividades (ele mesmo adverte: "não sou monotemático"). Mas não quero fechar esta matéria sem me referir a um volume que a editora Campus lançou em 1988 e no qual Ciro enfrenta, com notável vigor polêmico, questões teóricas "quentes": *Ensaio Racionalistas*. Nesse volume de ensaios, a tomada de posição em defesa da razão e contra os modismos irracionaisistas se explicita já no próprio título. Ciro debate idéias de François Jacon e Jacques Monod no campo da biologia; reflete sobre o tempo dos físicos, dos filósofos e dos historiadores; retoma sugestões de Bakhtin e Adam Schaff num artigo onde, a propósito de semântica e de semiótica, são questionadas algumas concepções de Michel Foucault; e discute as tendências que vêm predominando na chamada "Nova História", que, a seu ver, são "basicamente reacionárias".

Os *Ensaio Racionalistas* são, inegavelmente, muito

estimulantes. Carlos Nelson Coutinho, nas "orelhas" do volume, escreveu: "Fiel ao espírito universalista do marxismo e à exigência de totalidade que é a marca do melhor racionalismo, o historiador Ciro Flamarion Cardoso nos oferece, com estes *Ensaio Racionalistas*, um dos mais inteligentes livros de filosofia publicados ultimamente no Brasil".

Mesmo os leitores que não se sentem inteiramente convencidos das posições que Ciro sustenta, ao chegar ao final da leitura ter-se-ão beneficiado do rigor teórico e da coerência com que tais posições foram sustentadas.

A dialética da vida cultural e do enriquecimento espiritual passa não só pela diversidade de concepções teóricas como também pela contraposição de teorias coerentemente desenvolvidas, bem articuladas (e até mesmo, eventualmente, um tanto "endurecidas" na luta para superar as facilidades do ecletismo).